

## APRESENTAÇÃO

### **Saúde e Agroecologia: cuidando do indivíduo, da sociedade e da natureza como um todo só**

É com muita alegria que apresentamos a presente Edição Especial Saúde e Agroecologia da Revista Brasileira de Agroecologia (RBA)! Esse número da RBA expressa uma caminhada coletiva na produção e divulgação de conhecimento sobre as conexões entre Saúde e Agroecologia, que envolve vários autores, instituições e coletivos, em especial a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), o Grupo de Trabalho em Saúde (GT-saúde) da ABA, o Instituto Nacional do Câncer (INCA), o Ministério Público do Trabalho (MPT), a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), dentre outros/as apoiadores/as.

Em 2019, fruto de uma construção coletiva entre profissionais, pesquisadores e ativistas que atuam na ABA, ANA e FIOCRUZ, foi lançada a primeira edição da RBA sobre Saúde e Agroecologia. Naquela edição, intitulada “Caderno de Estudos Saúde e Agroecologia”, apresentou-se a síntese dos encontros, conexões e aproximações entre o campo da saúde e o campo agroecológico. As percepções entre agroecologia e saúde humana, os efeitos dos agrotóxicos no direito à alimentação adequada e saudável, as transformações de paradigmas de sistemas agroalimentares e a relação com a saúde. Esse caderno de estudos foi lançado no XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, realizado em novembro de 2019 em Sergipe. Serviu como importante instrumento de estudo e divulgação da construção do conhecimento sobre as interfaces entre saúde e agroecologia.

No ano de 2017, foi criado o GT -saúde no X Congresso Brasileiro de Agroecologia, realizado em Brasília. Fruto de discussões coletivas entre pesquisadores, trabalhadores,

estudantes de ciências agrárias e da saúde, entre outros. Na ocasião, vislumbrou-se a necessidade de criação de um espaço permanente para a formulação e proposição de referenciais teórico-conceituais sobre Saúde e Agroecologia, bem como para a articulação de ações e práticas com diferentes instituições, coletivos e organizações, envolvendo as conexões entre saúde e agroecologia.

No início dessa caminhada buscamos construir o autorreconhecimento coletivo ao sistematizar o perfil de quem compõe o GT, estabelecer os princípios organizativos e os nossos objetivos e divulgar essa construção no site da ABA. Na sequência, avançamos no processo de trabalho em diferentes frentes de atuação: a) grupo de estudos - o objetivo era organizar encontros virtuais para estudo, a partir de textos com convidados. Era uma oportunidade para trocar com outros GTs da ABA-Agroecologia, bem como pessoas que atuam em outras organizações, como a Abrasco; b) grupo de pesquisa - responsável por organizar uma dinâmica de pesquisa dentro do GT, inicialmente pensada a partir de um olhar para o que há de acúmulo sobre o tema da saúde dentro da história da ABA-Agroecologia (RBA, Cadernos de Agroecologia); c) grupo de eventos estratégicos - responsável por organizar a participação do GT em grandes encontros do movimento agroecológico (IV ENA, 2018; I Encontro Diálogos e Convergências Saúde e Agroecologia, 2018; XI CBA, 2019). A ideia era de que esse processo organizativo nos permitisse acumular vivências e conhecimento como coletivo, tendo no XI CBA o ponto de chegada desse primeiro "ciclo de vida" do GT saúde. Nesse percurso tivemos avanços e desafios. Iniciamos o processo de pesquisa, porém não conseguimos dar sequência de forma coletiva como esperado.

Entre 2018 e 2019, construímos nossa participação no XI CBA, o primeiro com o GT Saúde estruturado na ABA-Agroecologia. Foi o nosso maior desafio. Esse CBA teve como tema "*Ecologia de Saberes: Ciência, Cultura e Arte na Democratização dos Sistemas Agroalimentares*". O GT Saúde protagonizou a organização de um conjunto de atividades sobre Saúde e Agroecologia: uma Conferência conjunta e nove tapiris de saberes do Eixo Temático Saúde e Agroecologia. Foi um momento muito importante para iniciarmos os debates e aproximações entre os campos temáticos "saúde e agroecologia". As rodas dos tapiris tiveram os seguintes temas: a) Impactos da tragédia-

crime do derramamento de óleo no Nordeste desde os Povos e Comunidades Tradicionais de Sergipe; b) Ecologia de saberes na relação saúde e agroecologia: a essência de Pachamama; c) Mulheres, Feminismos, Segurança e Soberania Alimentar e Saúde. Além disso, a inserção do GT no CBA possibilitou a submissão de vários trabalhos científicos, relatos de experiências técnicas e populares, resultando um número expressivo de trabalhos inscritos. No total, foram 87 trabalhos submetidos, sendo 76 aprovados, 66 apresentados e um em formato de vídeo. Os eixos temáticos identificados foram desde alimentação, soberania e segurança alimentar, impactos dos agrotóxicos, a quintais produtivos, floresta que protege e cura; agroflorestas; permacultura, saneamento ecológico; medicina tradicional indígena; etnobotânica, quilombolas; plantas medicinais e território; feminismo, mulheres, agroecologia, saúde, saúde coletiva; uso medicinal; saber tradicional; conhecimentos tradicionais e fitoterapia; homeopatia; manejo e sanidade de bovinos; plantas medicinais e manejos fitossanitários; boas práticas, sanidade e saúde pública; práticas de cuidado, saúde mental e terapia comunitária; agricultura urbana; hortas, atenção primária e saúde pública; educação popular e metodologias participativas; educação sanitária; educação do campo e saúde; interdisciplinaridade, educação ambiental e diálogo de saberes; epistemologias; promoção emancipatória da saúde; quatro justiça; saúde, bem estar e qualidade de vida no campo.

Em 2020, ano que marcou a pandemia da Covid-19, acentuaram-se as discussões sobre o potencial da agroecologia na promoção da saúde. Durante todo esse ano, o GT Saúde esteve engajado no cadastramento e divulgação de mais de 200 experiências em saúde e agroecologia espalhadas pelo Brasil e América Latina, construindo ativamente o processo do Agroecologia em Redes (AeR). O AeR é um sistema de informação que possibilita cadastrar todas as experiências agroecológicas em curso no Brasil e dessa forma elaborar um mapeamento dessas experiências. Dentre os tipos de experiência cadastradas, se destacaram as experiências em “Ensino-pesquisa-extensão”, “Cuidado em saúde” e “Alimentação e nutrição”. Nas experiências cadastradas, evidenciaram-se os temas: Alimento, segurança e soberania alimentar, educação e construção do conhecimento agroecológico; práticas de cuidado em saúde e medicina tradicional. As “práticas agroalimentares” foram as que se ressaltaram no item “práticas em saúde e

agroecologia”, seguidas das “Práticas Tradicionais, Integrativas e Complementares em Saúde (PICS).

Essas atividades foram essenciais para desvelarmos como ocorre o processo de determinação social da saúde nos territórios, por meio das conexões entre saúde e agroecologia. Evidenciamos como as práticas agroecológicas possibilitaram a redução de impactos ambientais diminuindo as contaminações físicas, químicas e biológicas dos solos, das águas, das florestas e dos humanos em comparação aos grandes empreendimentos agrícolas. Simultaneamente, ampliam e recriam condições de resistência coletiva, desde diferentes sujeitos sociais no campo, com ênfase para os agricultores familiares, povos e comunidades tradicionais e indígenas.

As mulheres, em todas as experiências analisadas são protagonistas centrais desses processos. Não por uma relação biológica, mas sim, por uma relação cultural e histórica entre seus corpos e a natureza da Terra, que envolve cuidado, nutrição e reprodução da vida. Elas acionam essas categorias de modo estratégico e defendem a vida, seus territórios, formas de fazer e de ser agricultoras, em bases agroecológicas, e com isso promovem a saúde humana e ambiental.

Como podemos observar, as conexões entre saúde e agroecologia são múltiplas e variadas. Há muitas formas de se relacionar práticas de promoção da saúde com diferentes formas de ser e fazer agroecologia. Agroecologia gera vida e saúde e vice-versa, atingindo diferentes espaços, territórios e sujeitos sociais, do campo, das cidades, das florestas e das águas. A partir dessas múltiplas possibilidades, constroem-se territórios saudáveis e sustentáveis.

Em 2021 continuamos organizadas(os), realizando reuniões periódicas e lives coletivas. Destacou-se a participação do GT saúde no apoio e fortalecimento da Residência Multiprofissional em Saúde com ênfase em agroecologia, da Universidade Estadual de Pernambuco. Nesse período as relações entre saúde e agroecologia vão se tornando mais claras, e as redes de saúde e agroecologia se fortalecem.

Em 2022 participamos de cursos sobre vigilância popular em saúde, agroecologia e interseccionalidades; realizamos debates sobre economia solidária, saúde, mulheres e

agroecologia no IX Congreso Latinoamericano de Agroecología - 2022 cujo tema foi: "Diversidad biocultural para la salud de las comunidades y los ecosistemas"; e colaboramos com o 13º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva – ABRASCÃO – 2022. Foi nesse momento que começamos a nos encontrar para debater a construção do XII CBA e nos engajar na construção do diplomado Latino-americano em Agroecologia e Saúde.

Em 2023, realizamos a Conferência Livre de Saúde e Agroecologia. Essa conferência teve mais de 500 inscrições e possibilitou a participação de diferentes coletivos e indivíduos, que teceram propostas políticas para as Conferências Estaduais e Nacional de Saúde. Membros do GT saúde participaram da Conferência Nacional de Saúde como delegados, e pautaram a importância da agroecologia como estratégia para a promoção da saúde pública.

Além dessas ações, nos somamos na construção do XII Congresso Brasileiro de Agroecologia. Obtivemos 117 trabalhos sobre saúde e agroecologia, planejamos e organizamos a conferência de saúde, a Tenda da Saúde e o Barracão de saberes em saúde, com atividades autogestionadas sobre alimentação e hortos medicinais.

Por fim, entre 2022 e 2023, como parte do processo de amadurecimento da construção do GT saúde, da ampliação e fortalecimento das redes de saúde e agroecologia, e com a intenção de aprofundamento da produção de ciência na interface saúde e agroecologia, assumimos a construção da atual Edição Especial Saúde e Agroecologia da RBA. Entendemos a presente edição como uma manifestação do fortalecimento do GT Saúde e do conhecimento acumulado no âmbito da saúde e agroecologia, ao longo do seu percurso. Nos empenhamos no recebimento, avaliação, qualificação e revisão dos 29 trabalhos recebidos, dos quais 20 foram aprovados e publicados na presente Edição "Saúde e Agroecologia", da Revista Brasileira de Agroecologia. Os textos publicados nesta edição demonstraram a diversidade de olhares e possibilidades de aproximação e conexão entre os campos da saúde e da agroecologia.

Um primeiro grupo de textos congrega discussões sobre a construção de sistemas agroalimentares saudáveis e sustentáveis por meio da agroecologia, a fim de combater

os agrotóxicos, e assegurar a garantia da alimentação adequada e saudável. No texto “Agroecologia, agrotóxicos e alimentação adequada e saudável: uma revisão de literatura”, de autoria de Ana Beatriz de Jesus Reis e Silva e Anelise Rizzolo de Oliveira, as autoras analisaram as disputas de narrativas, que geram dúvidas sobre os benefícios de alimentos agroecológicos, alimentação adequada e saudável e que dificultam a consolidação de uma transição agroecológica.

Nessa esteira, no relato de experiência intitulado “Alimentos orgânicos na escola: construção de uma cartilha didática para alunos e professores da rede pública no sudoeste do Paraná”, os autores Fabrícia Fortunatti Bello, Bruno Jan Scharamm, Joel Donazzolo e Marcele Filippi, descrevem a elaboração de uma cartilha educativa para professores e alunos do ensino médio, orientando sobre os princípios dos alimentos orgânicos. O texto de Aline Simonetto do Nascimento, intitulado “Orientação proteica nos guias alimentares”, analisa as orientações dos guias alimentares globais, a relação com as culturas alimentares, destaca a importância deles para a educação nutricional, podendo ser também um importante aliado na preservação do meio ambiente. Entretanto, a autora problematiza a falta de substitutos para proteínas derivadas de animais e de produtos lácteos, como um limite apresentado pelo conjunto dos guias analisados.

Um outro grupo de textos discutiu a promoção da segurança alimentar e nutricional no contexto da pandemia de Covid-19. O artigo de Juliana Cristina de Mello, Deisi Ingrid Schneiders, Elizabete Buskievicz, Leticia da Costa e Silva e Josimeire Aparecida Leandrini, intitulado “Os movimentos sociais e a promoção da soberania alimentar após a chegada da covid-19: uma revisão integrativa”, analisa o papel dos movimentos sociais na promoção da segurança alimentar no contexto da Covid-19. Identificaram-se a diversidade de organizações sociais atuantes e as formas de solidariedade estabelecidas, como as doações de alimentos à população em situação de vulnerabilidade alimentar. As autoras reconheceram a necessidade de transformação do sistema agroalimentar como um caminho possível para o alcance da soberania alimentar no período pandêmico e pós pandêmico.

O manuscrito de Elaine Cristina Pereira da Silva e Patricia Diana Edith Belfort de Souza Camargo Ortiz Monteiro, “Soberania e segurança alimentar: um recorte da produção científica e jornalística no Brasil no contexto da pandemia”, faz uma revisão de pesquisas e matérias jornalísticas sobre esses temas e sua relação com as comunidades tradicionais. As pesquisadoras evidenciaram a necessidade de intensificar as pesquisas voltadas à análise da soberania e segurança alimentar com enfoque em comunidades tradicionais.

O artigo intitulado “Agroecologia como promotora de saúde e segurança alimentar: uma experiência de redes sociotécnicas no nordeste do Brasil”, da autoria de Tereza Cristina de Oliveira, Ángel Calle Collado, Fernando Fleury Curado, Amaury da Silva dos Santos, Fernanda Amorim Souza, Cristiane Oto de Sá e José Luiz de Sá, analisou a experiência de campo realizada pela Embrapa Tabuleiros Costeiros com a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), Centro Dom José Brandão de Castro (CDJBC) e Associação de Agricultores Alternativos (AAGRA) na implementação de 60 Unidades de Aprendizagens (UAS). Por meio dessas unidades, foram construídas soluções dialógico-participativas com o protagonismo das famílias, assentados e quilombolas, na produção agroecológica de alimentos, para a promoção da segurança alimentar e saúde.

Outro grupo de publicações apresentadas nessa edição, constitui experiências ligadas à diferentes racionalidades médicas e práticas integrativas e complementares em saúde, aplicadas à agroecologia, tais como homeopatia, hortos medicinais agrofloretais biodinâmicos, fitoterapia chinesa, e educação popular voltada para aprendizagem do cultivo e usos das plantas medicinais agroecológicas.

A obra de Fernanda Maria Coutinho de Andrade e Vicente Wagner Dias Casali, “Homeopatia: Saúde e Transição Agroecológica”, discutiu o papel da homeopatia na transição agroecológica, destacando a sua capacidade sistêmica de atuação e melhoria da resiliência ecológica, o que afeta a saúde humana e ambiental.

A nota agroecológica “Hortos Agrofloretais Medicinais Biodinâmicos – uma contribuição para a Atenção Primária à Saúde”, de autoria de Marcos Trajano, Ximena Moreno, Fabiana Peneireiro Fabiana, Nelson Filice de Barros e Taize Peruzzo,

apresentou a experiência de criação dos hortos medicinais na atenção primária em unidades de saúde em Brasília. Os autores ressaltaram o caráter educativo e humanista da experiência, voltada a construção de uma outra perspectiva de atenção primária, centrada no ser humano, na convivialidade e na relação com a natureza.

O artigo de Carla Stringueti de Mattos, Samantha Guimarães de Carvalho e Teresa Cristina Ciavaglia Vilardi Oliveira, intitulado “Resultados iniciais da fitoterapia chinesa no tratamento da candidíase vaginal recorrente” descreveu o processo de tratamento realizado com a fitoterapia chinesa para controle de candidíase vaginal recorrente. Destacaram-se os resultados positivos obtidos e a importância das plantas medicinais utilizadas serem de origem agroecológica. Para as autoras, a fitoterapia chinesa e a agroecologia criaram uma alternativa de tratamento com ervas terapêuticas, contribuindo para uma vida mais saudável e sustentável.

No texto “Educação popular e saúde na formação de educadores do campo: um diálogo necessário” de autoria de Fabrício Vassalli Zanelli e Fernanda Maria Coutinho de Andrade, os autores observaram que os instrumentos pedagógicos da alternância impulsionaram a elaboração da sequência didática e a proposição das atividades em tempo comunidade. Na formação em questão foi possível verificar as contribuições da visão sistêmica sobre saúde na formação de educadores do campo, no diálogo de saberes e na percepção da importância da agroecologia para a promoção da saúde.

Um outro grupo de trabalhos discutiu temas ligados ao saneamento ecológico e sua relação com a agroecologia, segurança alimentar e nutricional e promoção da saúde.

O relato de Bruno Fernandes, Luã Gabriel Trento, Nadia Rosário de Oliveira e Marcos Sorrentino intitulado “O saneamento rural e a construção de comunidades agroecológicas: experiência intervencionista no distrito de Tupi (Piracicaba-SP)”, apresentou a experiência de extensão universitária ligada à construção de infraestrutura de saneamento ecológico local. Discute os conceitos principais da pesquisa e as temáticas problematizadoras emergentes do processo.

Os pesquisadores João Vitor Mendes, Gustavo Carvalhaes Xavier Martins Pontual Machado, Lucas Pacheco da Costa Vasconcelos e Monica Perte ilustraram a



importância das soluções baseadas na natureza(SBN), como a compostagem e jardins de chuva no manejo de resíduos sólidos e de água pluvial, visando a melhoria da saúde pública, por meio da submissão do artigo “Agroecologia e saneamento ecológico como soluções baseadas na natureza para problemas do urbanismo brasileiro”.

No artigo de Burguivol Alves de Souza e Lucia Marisy Ribeiro de Oliveira, “Segurança alimentar e nutricional em agroecossistemas familiares como resultado do reuso de água cinza em agroflorestas: a experiência do projeto terra de vidas II em Ouricuri – PE”, destacou-se o sistema de reuso de água somado a um sistema agroflorestal (RAC/SAF), implantados em agroecossistemas no semiárido pernambucano. Tal experiência contribuiu para a diversificação de espécies, provocando impacto positivo na segurança alimentar e nutricional de famílias agricultoras.

Outros autores(as) demonstraram o protagonismo das mulheres na construção de sistemas agroalimentares saudáveis e sustentáveis, por meio da agroecologia. Problematizaram desigualdades de sexo-gênero, destacando-se a relação com o cuidado e a necessidade da construção de relações de gênero mais igualitárias, como componentes transversais da relação saúde-agroecologia.

As pesquisadoras Fernanda Savicki e Marina Tauil, ao elaborarem a obra “Florescendo territórios livres agroecológicos: a resistência das mulheres do nordeste brasileiro”, descreveram a experiência do projeto “A Construção de territórios livres”, desenvolvido pela Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), com o apoio da Fundação Heinrich Böll Brasil, nos estados da Paraíba e Pernambuco, entre agosto/2021 e setembro/2022. Por meio desse projeto foram criados indicadores de sustentabilidade baseados nas ecologias, trabalho, meios e modos de vida das mulheres. Esses indicadores demonstraram aspectos da conquista comunitária relacionados a autonomia e liberdade, a partir da (re)existência, resiliência e soberania sobre seus territórios, e que reverteram ou minimizaram, ao longo do tempo, impactos negativos em positivos.

O texto de Gabriela Mariano Mendonça e Michelle Mariano Mendonça “Do útero a terra: encontro de corpos que menstruam em uma horta agroecológica de ervas medicinais” analisou a transformação das narrativas nas pessoas que menstruam, por

meio de atividades de educação menstrual, voltadas para o autocuidado, ginecologia natural e uso de ervas medicinais. As autoras observaram mudanças em relação à terra, com os corpos das mulheres em relação ao ciclo menstrual, alimentação e práticas de autocuidado.

A nota agroecológica “Oficinas Sobre Consumo Sustentável Para Grupo de Mulheres Com Excesso de Peso: um relato de experiência”, de Renata Medeiros dos Santos, revelou os efeitos à saúde de um programa de formação sobre alimentação, realizado com mulheres com excesso de peso. Ao final do programa foi possível perceber a redução do percentual de gordura corporal, redução de peso, regulação do trânsito intestinal, aumento da disposição física para realização das atividades diárias, associadas às mudanças na autoestima das participantes. O programa também promoveu o incentivo às compras e consumo de chás naturais e produtos agroecológicos produzidos pelo Assentamento Flor do Bosque, Messias/AL.

Um texto em especial discutiu diretamente a relação entre agroecologia e saúde mental, problematizou os sistemas agroalimentares convencionais, e apontou a agroecologia como alternativa para a promoção da saúde mental, frente aos casos de suicídios no campo. “A agroecologia como horizonte de combate à epidemia de suicídios entre agricultores”, de autoria de Victor Lemes Cruzeiro.

Um último bloco de escritos discute a relação ampliada da agroecologia com a promoção da saúde. Os textos desse bloco abordaram a relação entre a transformação dos sistemas agroalimentares, agroecologia e saúde, com transformações sociais mais ampliadas, visando o desenvolvimento sustentável, justiça ambiental, bem viver e descolonialidade.

No texto “ Cenários de saúde, trabalho e vida no município de Casimiro de Abreu (RJ): apontamentos para uma ação pública local voltada ao trabalho agrícola”, as autoras Valéria dos Santos Pinto da Silva, Élide de Albuquerque Campos, Vanessa Índio do Brasil da Costa, Fernanda de Albuquerque Melo Nogueira, Ubirani Otero e Marcia Sarpa, investigaram as relações entre as condições de vida, saúde e trabalho agrícola, a partir de grupos de discussão realizados com agricultores convencionais e de transição

agroecológica. As discussões identificaram as divergências e similaridades entre os grupos quanto às condições de vida e saúde e processos de trabalho. Revelaram também a necessidade de se intervir sobre as determinações sociais da saúde para a definição de um modelo de desenvolvimento local, mais justo e sustentável, baseados na agroecologia.

O texto intitulado “Um olhar sobre as conexões entre agroecologia e saúde a partir de uma exposição fotográfica em territórios fluminenses”, de autoria de Fernanda de Albuquerque Melo Nogueira, Claudemar Mattos, Nivia Regina da Silva, Valeria dos Santos Pinto da Silva e Ubirani Barros Otero, analisa a exposição fotográfica coordenada pelo Instituto Nacional do Câncer, em parceria com a Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida, e outras representações de movimentos sociais, associações e organizações não governamentais do Rio de Janeiro. Para além da agricultura convencional com uso intensivo de agrotóxicos, as imagens revelaram que nos municípios há variadas expressões de agroecologia, que potencializaram mudanças nas formas de viver e conviver, com a finalidade de se alcançar uma sociedade mais saudável, sustentável e justa.

O texto de Leiliane Alves Marques, Gilberto Ednaldo dos Santos Braga, Clecia Simone Gonçalves Rosa Pacheco, Isaac Farias Cancansão e de Joao Alves do Nascimento Junior, intitulado “Agroecologia: um olhar para produção de alimentos e desenvolvimento rural sustentável com mais saúde”, apresentou a Agroecologia no cenário do desenvolvimento rural sustentável, na garantia de mais saúde e qualidade de vida.

Por fim, o texto de Cristiane Coradin, Mateus Caldeira Figueiredo, Ximena Moreno, Marcos Trajano e Cristiane Rosa Magalhães “Transversalidades: saúde e agroecologia”, fez um percurso acerca da construção de conhecimento sobre a interface entre saúde e agroecologia por meio de revisão de literatura. Os pesquisadores apresentaram uma síntese sobre as principais transversalidades observadas (alimentação e agrotóxicos, participação social e intersectorialidade), apontaram para transversalidades emergentes (etnoecologia, saber ambiental e hortos medicinais). Os autores propuseram reflexões sobre as conexões saúde-agroecologia, a partir do olhar da teoria da

decolonialidade, complexidade e justiça ambiental. Reconheceram a importância de uma visão complexa e descolonizadora, capaz de compreender as múltiplas expressões que envolvem a promoção da saúde humana e ambiental, por meio da agroecologia.

Assim, observamos que o conjunto dos textos apresentados nesta Edição Especial reforçaram temáticas já abordadas por esses campos, tais como aquelas ligadas aos sistemas agroalimentares, agrotóxicos, alimentação e segurança alimentar e nutricional; águas e saneamento rural; práticas educativas formais e informais dialógico-participativas; plantas medicinais, racionalidades médicas e práticas integrativas e complementares em saúde. Destacaram a importância das mulheres nessa construção. Além disso, evidenciaram áreas emergentes, tais como a saúde mental, papéis e sentidos dos hortos medicinais na atenção primária. E, discutiram a relação entre saúde e agroecologia de modo mais ampliado, visando transformações sociais mais abrangentes.

Desejamos a todos(as) boa leitura, e que esse material possa subsidiar o entendimento dessa construção coletiva, estimulá-los a pensar, criar, inovar, produzir o novo, mediante um cenário de zoonose global, que nos incita a ampliação e o fortalecimento das diversas formas de expressões da saúde-agroecologia. Desejamos que esse material sirva para fortalecer as redes e experiências de saúde e agroecologia territoriais. Auxilie a adensar a construção do conhecimento nas interfaces saúde e agroecologia e na defesa da vida, contribuindo, dessa forma, com a construção de territórios saudáveis e sustentáveis, em conjunto com a transformação e emancipação social.

07 de novembro de 2023.

**GT Saúde ABA-Agroecologia**